



OS SHONAS DE MANICA – MOÇAMBIQUE, HERANÇA OU CULTURA: A PRÁTICA MATRIMONIAL DE BONDUWE, KUGARANHAKA COMO FORMA DE MANUTENÇÃO DA ESTRUTURA FAMILIAR

Celestino Taperero Fernando¹
Doutorando em História pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

O artigo objetiva explicitar a importância familiar e tribal da prática matrimonial, que se configura na concessão da viúva do parente (irmão) falecido ao parente (irmão) vivo e na concessão da irmã para garantir a continuação do casamento de uma irmã que não consegue gerar filhos. Esses costumes são conhecidos por *Bonduwe*, *Kugaranhaka*. Na província de Manica, em particular nas regiões rurais, o casamento jurídico para os shonas é quase inexistente, ou seja, o casamento tradicional é considerado oficial e com validade. O lobolo e o casamento religioso são as únicas cerimônias conhecidas, as quais têm valores morais e espirituais – elas transcendem – por isso, para esse grupo étnico, não existe uma outra cerimônia que legitima essa.

Palavras-chave: Shonas; Manica; Bonduwe; Kugaranhaka; Lobolo.

ABSTRACT

The article aims to explain the family and tribal importance of the matrimonial practice, which is configured in the concession of the widow of the deceased relative (brother) to the living relative (brother) and in the concession of the sister to guarantee the continuation of the marriage of a sister who cannot generate children. These customs are known as *Bonduwe*, *Kugaranhaka*. In the province of Manica, particularly in rural areas, legal marriage for the Shonas is almost non-existent, that is, traditional marriage is considered official and valid. Lobolo and religious marriage are the only known ceremonies, which have moral and spiritual values - they transcend - so, for this ethnic group, there is no other ceremony that legitimizes this.

Keywords: Shonas; Manica; Bonduwe; Kugaranhaka; Lobolo.

INTRODUÇÃO

Historicamente, Manica era “uma das componentes do antigo Distrito de Manica e Sofala, desmembrando-se em Distritos da Beira (Província de Sofala) e Vila Pery (Província de Manica), em 1 de janeiro de 1971, pelo Decreto 355/70 de 28 de julho de 1970, publicado no Boletim Oficial nº 62, de 5 de agosto de 1970”ⁱⁱ.

Semelhante a uma parte dos Distritos de Sussundenga, Gondola, Vanduzi e Macate, Chimoio, capital provincial de Manica, é habitada majoritariamente pelo povo falante do *tewe*, o qual possui muitas variantes em relação aos grupos que o circundam. Na sua origem, os *tewe* pertencem ao grupo étnico Shona, que por sua vez subdivide-se em *barke* (norte da província), *manyika* e *tewe* (centro) e *ndau* (sul).

O nome da capital Chimoio é uma homenagem a uma tribo de totem coração, indivíduos que não comem o coração de todos os animais, ou seja, Chimoio significa pequeno coração (*chi* significa pequeno, *moio* significa coração). Para os *tewes* e *Amanyikas*ⁱⁱⁱ, o leão é considerado como um Deus. Esse costume é muito forte, chega a impedir o casamento de pessoas do mesmo totem^{iv}.

O povo Shona é originário da matriz linguística Bantu que primeiramente vivia na região entre os rios Ubangui e Chade, na África Ocidental, e que mais tarde, pela infertilidade dos solos, tratando-se de um povo agricultor, aliado ao aumento populacional, teria migrado

para o planalto do Katanga, e na região dos grandes lagos, na África Sub-Equatorial. Os shonas instalaram-se nas regiões do grande Zimbabwe onde construíram o império de grande Zimbabwe, que com a queda passou para o domínio de Mwenemutapa.

A Província de Manica^v, à semelhança de Sofala e Tete, faz parte da cultura Shona. Tal cultura está ramificada e engloba um conjunto de povos falantes de línguas, costumes e organizações sociopolíticas semelhantes e que comungam as mesmas práticas religiosas. Todos são patrilineares e o casamento é precedido por uma compensação matrimonial “*chuma*”^{vi} ou termos equivalentes e/ou prestação de serviços pelo noivo. Essa compensação está vinculada a um costume simbólico de agradecimentos aos pais da noiva, assim como possui uma simbologia espiritual.

Estas características e práticas costumeiras encontram-se também presentes nas tribos “*Va-Ndau, Va-Tewe e Va-Manyika, falantes das línguas dos mesmos nomes das tribos nas terras de Manica*”^{vii}. Estas características foram adquiridas em resultado da vizinhança entre os dois povos agudizadas pelos íntimos contatos entre os Shona do Zimbabwe e o povo moçambicano.

Jopela (2006) explica-nos que parte da vida dos falantes de Shona em Manica está intimamente relacionada com “a paisagem natural e com as crenças dos espíritos ancestrais. Na hierarquia dos espíritos ancestrais Shona”^{viii},

tem-se em primeiro plano o “Mwari”, suprema divindade Shona, o criador da terra e dos homens.

Este espírito controla a fertilidade da terra, é o suporte das leis e dos costumes tradicionais, fornece chuva nos tempos de seca e adverte a nação em tempos de crise. Em seguida, aparece o espírito do chefe já falecido “Mhondoro^{ix}- Sigauke”, é uma veneração à semelhança com a linguagem portuguesa da vossa excelência que está intimamente relacionado com o território que este líder ou *Mambo* governa. Por último, tem-se o “Mudzimo”, espírito que serve como protetor. Esse Mudzimo^x pertence aos ancestrais que protegem os membros da respectiva família dos infortúnios, sendo normalmente invocados durante cerimônias familiares e individuais.

Neste povo, encontramos outro elemento muito importante que é o *Mutupo*, que se refere ao fato de cada família não comer uma parte de um animal ou outro ser vivo, o qual é visto como uma espécie de deus da linhagem que serve como protetor. Por exemplo, muitos de Manica não comem coração, pois este simboliza o leão. A experiência local mostra que os leões da região não comem coração de qualquer animal, motivo pelo qual se cunhou o nome de chimoio para a capital de Manica. Chimoio significa pequeno coração.

Na crença local, esses espíritos vivem na terra assim como na água. Por isso, alguns locais do meio natural, como é o caso de riachos,

lagoas, nascentes, abrigos rochosos no topo dos montes (alguns com pinturas rupestres), árvores gigantescas, alguns arvoredos e florestas, são entendidos como locais com grande valor espiritual. Sendo que uma parte desses elementos naturais são vistos e considerados como símbolos da presença dos antepassados na terra, e é a partir deles que as comunidades interagem com o mundo dos ancestrais. Nesta parcela do país, a cultura é manifestada através de vários símbolos designadamente ritos (nascimento, casamento, fúnebres e de preces de chuva), dança tradicional, artesanato, entre outras práticas.

MULTICULTURALISMO

380

O multiculturalismo é a convivência pacífica de várias culturas em um mesmo ambiente. Moçambique é um país multicultural, cujas características devem-se ao fato de ser um país onde se falam várias línguas que servem a diversas culturas. Entre essas línguas, um número superior a 20 são chamadas de línguas de matrizes linguística Bantu, que além de serem usadas na comunicação diária, constituem as línguas maternas mais utilizadas na condução da vida do dia a dia da maior parte da população moçambicana.

A língua Tewe é uma língua afluente da língua shona que deriva da matriz linguística bantu falada em Moçambique, na província de Manica, “em particular na cidade de Chimoio,

nos distritos de Gondola e Makhate e nos postos administrativos de Matsinho e Ingomai”^{xi}

Na Antropologia, cultura é o conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico, e que se “manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais etc”^{xii}.

Como podemos ver, desde 1877, quando Edward Burnett Tylor empregou pela primeira vez o termo “cultura” para referir-se a todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana, os sentidos mais antigos e restritos deste termo foram perdendo terreno e constituindo-se em grande escala para o estudo nas ciências das humanidades. Podemos defini-la como um conjunto de costumes, tradições e crenças de um determinado grupo social, repassadas por meio da comunicação ou imitação às gerações seguintes

Para a Antropologia, cultura pode ser definida como um “complexo que inclui crenças, arte, moral, lei, costumes ou qualquer hábito adquirido pelo homem em sociedade”. Esta definição compartilha da teoria de que a cultura é tudo aquilo que é produzido pelo homem e consumido por ele numa forma de ciclo. Esse conceito de cultura está intrinsecamente ligado à

diversidade cultural de expressão humana e a sua constante mutação.

Na conjuntura política legislativa em Moçambique, as tradições moçambicanas ainda não fazem parte das leis do seu estado, isto é, o estado moderno é produto de outra tradição (parte delas deixadas pelo colonizador) e oferece pouco espaço para que aquelas tradições ocupem um lugar de importância.

A ideia da revolução e da criação do homem novo foi um tiro fatal para a cultura e tradição moçambicana apesar de existir muita resistência e quase consolidar-se mesmo sem lei. Com a introdução da ideia da revolução e do homem novo, todas as tradições de Moçambique mais uma vez foram diabolizadas. Em 1990, no auge da guerra civil configurada como luta anticomunista, o governo da Frelimo aprova a nova constituição que deixa na totalidade os traços comunistas, nela já existe a referência de que o Estado moçambicano respeita as diversidades socioculturais locais. Esse é o reconhecimento de que quando aflitos ou com problemas sociais e/ou familiares, muitos membros políticos do Estado recorrem a esta tradição como recurso para a solução dos seus problemas.

A província de Manica é constituída por uma sociedade patrilinear, isto é, na filiação patrilinear, “a família pode ser um conjunto de indivíduos consanguíneos pertencentes a mesma linhagem e segmentos de linhagens ligados a um homem antepassado conhecido, a cabeça da

linhagem, como referência comum do lado paterno”^{xiii}. Neste sentido, também pode fazer parte deste coletivo outros indivíduos que não sejam do mesmo sangue, estes podem ser inseridos no coletivo por via de casamento, desde que, em determinadas circunstâncias, sejam aceitos por todos. Aqui, quando casados, o homem e a esposa fixam sua residência na comunidade do esposo e os filhos seguem majoritariamente as leis e os costumes tradicionais da família do pai.

Geralmente, na filiação patrilinear (FERNANDO, 1996), os que têm direito de suceder a chefia da linhagem são membros paternos da família, isto é, de pai para filho, de irmão para irmão, homens, pois são eles que garantem a continuidade da patrilinearidade e das linhagens.

Em alguns casos, pode ser uma mulher, mas ela só pode ser chefe depois de comprovada a ausência ou incapacidade de um homem, ou ainda, quando um fato simbólico assim determina, porém com a opinião de um curandeiro que, geralmente, interpreta essa decisão como desejo dos antepassados.

Fernando (1996) mostra-nos que, “na filiação patrilinear, a criança ou o filho está ligado à linha paterna, do lado do homem; deste modo, os filhos serão identificados pelo nome ou apelido (sobrenome) do pai”^{xiv}. Os problemas dos filhos ou do lar das famílias são resolvidos pelos parentes do pai. Eles são os que se reúnem

para dar solução a qualquer problema que afeta os membros da sua família.

Contudo, o processo de sucessão pode acontecer tanto dentro da casa da família ou em um lugar onde ocorrem as cerimônias tradicionais, que incluem canções e danças tradicionais típicas e já pré-escolhidas para aquele fim como forma de dar boas-vindas ao novo sucessor. Neste sentido, esse processo de sucessão estende-se até outros bens preciosos aquisitivo e sentimental no caso da mulher. Observamos aqui que os processos de *Nhaka ou Kugaranhaka e Bomduwe* são uma herança costumeira do povo atual aos seus ancestrais.

O QUE É NHAKA OU KUGARANHAKA? 382

A falta de estudo da história em Moçambique em particular não permite o domínio sobre a sua realidade cultural. Só a história permite ao homem ter a consciência de seus erros da vida. *Nhaka ou Kugaranhaka* é o ato de transmissão da esposa do falecido para um irmão vivo, seja ele mais velho ou mais novo. Ou seja, após a morte do marido, os familiares deste, reúnem-se para decidirem com quem poderá a viúva ficar, e normalmente, é um dos irmãos do malgrado o escolhido, desde que reúna condições e qualidades para cuidar da mulher e das crianças, caso existam.

A este processo, dá-se o nome de *nhaka*, e ocorre da seguinte forma: os irmãos do malgrado ficam sentados em forma de círculo

do mais velho ao mais novo e a viúva, ajoelhada e de cabeça baixa, leva um copo com água que lhe é entregue por uma anciã e oferece aos seus cunhados. Caso um deles esteja interessado em ficar com ela, recebe o copo, como sinal de aceitação e este passa a ser sua esposa.

Caso não tenha irmão, é passado para um parente mais próximo da mesma linhagem, de modo que a linhagem e a consanguinidade não se extinguem. Há casos em que a mulher se recusa a ficar com um dos irmãos do defunto, despejando a água que se encontra no copo, como sinal de rejeição. Nestes casos ela é deixada à sua sorte. Quando a viúva está para além da idade sexualmente activa, e não esteja interessada em ficar com nenhum dos cunhados, então ela fica na casa do seu falecido esposo, ficando o seu sustento a cargo da família. Importa, porém, referir que, devido às circunstâncias actuais de doenças esta prática nhaka está a entrar em desuso.

A mitologia da consanguinidade é vista pelo povo shona como sendo um cordão umbilical que liga o corpo e a alma. Essa prática filosófica é justificada em razão desse povo pertencer a sociedade da linhagem patrilinear e o casamento ter valores culturais, morais e éticos, que além da manutenção da estrutura familiar e da linhagem, também tem valores espirituais.

Os shonas por serem próximos dos zulus que são patronos do ubuntu eles fundamentam que a alma é uma reestruturação de uma “vida dos antepassados da família para o mais novo,

por isso apenas precisa de purificação da mesma no corpo onde integrou-se”^{xv}, porque já tem experiência do mundo num sentido logico, histórico, antropológico e sociológico do seu antecessor, pois a mesma é guiada pela lei divina e dos deuses terenas. Por isso

Na filosofia africana (Ubuntu), o casamento é considerado a união oriunda de mediação das vontades entre duas pessoas de sexo oposto, de acordo com consentimento dos familiares das duas partes. Para o Ubuntu existe casamento, não necessariamente, sustentado por amor entre as partes, mas também pela amizade dos pais, ou seja: levando em conta o bom comportamento do rapaz e da moça no meio social, os pais se unem e criam laços para que as duas partes se casem em consideração com essa particularidade social^{xvi}.

Como podemos ver, as duas partes, ao efetuar o compromisso matrimonial, comprometem-se quer para a esposa-esposo, quer para todos os presentes com a inquebrantabilidade do laço, e esse juramento é realizado no dia de lobolo (*kubvundzira*). Aqui, a palavra-chave é honrar com todos os princípios culturais e dos acontecimentos naturais e manter a serenidade do pacto. E a família compromete-se em nunca deixar sua nora sofrer, ou seja, não deixar a viúva desamparada caso aconteça o pior. E por outro lado, a família da mulher compromete da mesma maneira. E como é consumado esse compromisso?

As duas partes dispõem em ceder o substituto, caso um perca a vida, no decorrer do casamento com uma idade ativa para reprodução. Se for o homem a perecer primeiro, é indicado

um irmão do mesmo pai ou parente paterno da mesma linhagem, como tio, primo ou sobrinho, para tomar conta da família ou servir de novo esposo da viúva e dar continuidade ao casamento. Já por parte da mulher, ser for a primeira a falecer, é designada a sua irmã ou umas das parentes mais próximas para ir tomar conta do lar deixado pela irmã, tornando-se automaticamente nova esposa do viúvo. Neste caso, na parte da mulher, não é necessariamente que seja do mesmo sangue ou linhagem, já que nessa sociedade as mulheres não dão continuidade a linhagem.

A prática não estava restrita para um grupo alvo, ou seja, uma idade determinada. Ela se estende para todas as faixas etária desde os jovens aos idosos. As viúvas da terceira idade são indicadas aos seus sucessores conjugais apenas para serem seus responsáveis por qualquer inconveniência da vida. Nesses casos, não há contato físico nem sentimental, mas sim valor espiritual, visto que o razoável é que essa mulher não se sinta abandonada^{xvii} com a perda da vida do seu marido.

Esse ato não é feito por imposição, a duas famílias unem-se e chegam a um acordo, pois há casos em que as duas partes já são da terceira idade e uma das partes não manifestou interesse de assumir um novo casamento. Mas esse manifesto de estar sozinho ou sozinha só é concedida para as pessoas da terceira idade e das que um deles morreu devido uma doença crônica

contagiosa. Essas práticas ainda continuam na atualidade?

Sim, essas práticas ainda continuam porque os shonas ainda acreditam na relação entre o espírito dos mortos e a alma dos vivos, ou seja, para os shonas existe uma relação simbiose entre os antepassados e os presentes, isto é, os espíritos dos seus antepassados são vistos como os primeiros protetores, os quais são catalisadores de sorte, quando são bem adorados, e catalisadores de azar, que não são considerados e nem adorados, por isso a necessidade de honrá-los.

Essa filosofia dos Shonas está inserida na ideia de unbutu na qual eu sou porque nós somos, regulam a relação social entre os indivíduos e veiculam os valores éticos e políticos de cada sociedade. O fator moral é a coisa mais primordial para o Ubuntu. Ele está aberto e disponível aos outros, “não preocupado em julgar os outros como bons ou maus, e tem consciência de que faz parte de algo maior e que é tão diminuído quanto seus semelhantes que são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos”.

O QUE É BONDUWE?

Bonduwe é uma prática cultural matrimonial que consiste na validação do casamento da irmã pela a mais nova por questões de infertilidade, ou seja, esse ato consiste em concessão da irmã mais nova ou sobrinha mais

próxima ao marido da irmã com objetivo de gerar um filho, em virtude da irmã ou da sobrinha mais velha não conseguir fazê-lo.

Como forma de honrar e manter o laço matrimonial por parte da família, a irmã mais nova ou sobrinha é entregue ao cunhado, mas isso não se configura como um casamento ou poligamia, apenas é considerado culturalmente como uma forma de aluguel da barriga, pois se isso não acontecer, ela corre o risco de separar^{xviii} e a família será obrigada a devolver todos bens que foram gastos no ato da cerimônia de casamento.

A irmã mais nova é concedida, quer em curto tempo, quer em longo tempo, para gerar filhos e firmar de uma vez por todas a relação conjugal (matrimônio) da irmã. Depois de dar um número determinado ou combinado de filhos, ela é convidada a escolher seu destino, se vai permanecer para sempre como segunda esposa ou se vai casar-se com outra pessoa, a escolha só dependerá dela.

Como podemos ver, para os shonas, o filho é muito esperado por todos no casamento, caso ele não surja, a união ainda assim deve permanecer; contudo, deve ser considerado que talvez não tenha passado por todos os tramites legais, étnicos e espirituais. O filho é algo que

legítima o casamento, porque sem ele o casamento tem uma deficiência estrutural.

Em algumas ocasiões, o genro solicita a Bonduwe por situação de vontade individual e nesse caso ele é convidado a convencer sozinho as duas irmãs se concordam estarem juntas em forma de poligamia ou não. Se concordarem, são feitas as diligências de acordo com a sua preferência. Aqui é feita uma cerimônia matrimonial independente da irmã e é cobrado o lobolo.

Bonduwe também simboliza que os casamento, não necessariamente, sustentado por amor entre as partes, mas também pela amizade dos pais, ou seja substituição: levando em conta o bom comportamento do genro e da moça no meio social, os pais se unem e criam laços para que as duas partes se casem em consideração com essa particularidade social.

QUAL É SIMBOLOGIA LOBOLO?

O Lobolo (*Massinguiro - Kubzundza* em língua shona) é um costume cultivado até hoje no centro e sul de Moçambique. O roora compreende, quatro etapas a saber: (1) kupfimbira^{xix}, (2) matsvakiraino^{xx}, (3) kutora murora^{xxi} e (4) chuma^{xxii}.



Fontes do autor, 2014. As imagens mostram cerimônias de lobolo (mabvundzo)

Para os shonas, essa prática simboliza a gratidão (agradecimento) que a família do noivo faz para a família da noiva por ter nascido e sofrido dias e noites na criação da então noiva. Essa prática tem valor moral e não material. Segundo essa tradição, tal prática é necessária porque também concede, em caso de divórcio, o

direito das crianças para o esposo. o rompimento do casamento passa por incumprimento das normas éticas, sociais, antropológicas e jurídicas que o mesmo possui. A parte que inicia o rompimento deve ter uma represália, porque está em conflito com a moralidade e a lei.



Fontes do autor 2014. As imagens mostram cermonias de lobolo (matsvakiraino)

387

O termo roora designa o casamento tradicional entre os waManyika. É uma prática ritual difusa, em que um indivíduo do sexo masculino, pretendendo casar-se, toma uma mulher como esposa, entregando um valor em dinheiro ou gado aos pais desta, como compensação. A adição do prefixo ku ao termo roora forma o verbo kuroora que quer dizer casar. Quando um jovem leva mulher para casa sem roora designa-se kutizira (juntar-se a uma mulher sem o devido roora).

A solução dos Shonas para as desavenças familiares é diferente. Se “acontece o caso de alguém não está em acordo com a atuação do outro no casamento, pede-se que a parte que não se comporta bem vá à família para ter uma reeducação e depois voltar ao lar sem um outro

ritual”^{xxiii}, porque Os Shonas da mesma maneira que Ubuntu acredita que o casamento não é um contrato, mas sim uma questão social e amorosa.

Para muitas mulheres moçambicanas, a cerimônia do lobolo é muito mais importante do que o casamento jurídico, porque o Lobolo (*Massinguiro – Kubzundza*) assumidamente transcende o amor, tratando-se de uma relação intrínseca com o mundo dos antepassados da noiva e do noivo, onde se estabelece um contato direto e contínuo entre os vivos e os mortos e, por intermédio da conexão com os espíritos dos antepassados e a realização de suas exigências, fundamenta-se a harmonia social entre os noivos, e sobretudo, sela o laço social entre ambas as famílias, abençoando e garantindo prosperidade a família que está por vir.



Fontes do autor, 2014. As imagens mostram cerimônias de lobolo (chuma), o vinho representa a pureza da noiva.

Os casamentos jurídicos são apenas celebrados nas grandes cidades, enquanto o lobolo (kurora) é celebrado tanto na cidade como nas zonas rurais porque é considerado como o primeiro que legitima os espíritos de ambas as partes. Honwana (2002) afirma que nenhuma prática tradicional – diferente dos pressupostos da ciência moderna que classificou a tradição dos povos africanos como algo estático e homogêneo, e, portanto, hostil a mudanças – pode ser interpretada como uma cópia exata de uma prática anterior, porque elas são criadas e recriadas por intermédio dos processos de interação social e históricos.

O casamento é algo “divino que não pode romper-se nem pode tratar-se de um contrato,

mas sim como uma bênção de Deus e dos espíritos dos nossos antepassados”^{xxiv}. A paz no casamento vai para além da questão do sentimentalismo, mas caminha em direção à dignidade do próprio ser humano e o compromisso do mesmo com a sociedade.

Essa relação põe em evidência seus principais cuidados: o desejo de consideração, de respeito, não o de humilhar o outro, mas o cuidado de ajudar o outro. Isso implica praticar o cuidado na sociedade humana como forma de relação sem violência que se exprime no ubuntu: eu sou porque nós somos. O cuidado permite de criar relação social sem motivações egoístas e o ubuntu pode conduzir a redução dos tráficos de todos os gêneros (tráfico de órgão, tráfico de

seres humanos). Eu sou porque nós somos é uma certeza da consciência de si, o fundamento inquebrantável de todo o conhecimento. Com esse enunciado, esse “eu” abre-se em direção ao “nós”, quando o indivíduo se põe a refletir sobre quem sou e por que sou.

Para além de uma análise das relações sociais de ubuntu, um argumento filosófico persuasivo que poderá criar toda uma atmosfera familiar, “que é um tipo de afinidade filosófica que é um parentesco entre o povo nativo da África”^{xxv} em particular os zulus. Sem dúvida teremos variações entre esta ampla “atmosfera familiar” filosófica. Mas o sangue circulando entre os membros da “família” é, na base, o mesmo na questão de linguagem, do ensinamento do sentido de matrimônio e suas vantagens como ser social e indivisível.

Por isso, antigamente muitos casamentos eram acordados pelos pais que antes conversavam entre si e decidiam a união. Com a colonização e o processo de assimilação, esta prática ficou bastante afectada, tendo sido adoptado por muitos o casamento religioso e civil, de acordo com padrões da cultura europeia. A crescente monetarização da economia também introduziu grandes mudanças com o envolvimento no **roora** de somas avultadas para o pagamento da compensação matrimonial e a introdução de produtos e artigos que antes não faziam parte dos requisitos para o **roora**. Actualmente, nem todos seguem estritamente as fases anteriormente relatadas para o **roora**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os shona são considerados como povos muito tradicionalistas em Moçambique, porque mesmo com a inovação do colonialismo português, muitos desses povos não deixaram de praticar os seus costumes. Parte da vida dos falantes de Shona em Manica está intimamente relacionada com a paisagem natural e com as crenças dos espíritos ancestrais. Na hierarquia dos espíritos ancestrais Shona, tem-se em primeiro plano o “Mwari”, suprema divindade Shona, o criador da terra e dos homens.

Este espírito controla a fertilidade da terra, é o suporte das leis e costumes tradicionais, fornece chuva nos tempos de seca e adverte a nação em tempos de crise. Em seguida, aparece o espírito do chefe já falecido “Mhondoro”, que está intimamente relacionado com o território que este governa em vida. Por último, tem-se o “Mudzimo”, espírito da pessoa ancestral que protege os membros da respectiva família dos infortúnios, sendo normalmente invocados durante cerimônias familiares e individuais.

Já na fundamentação do valor real de casamento e as cerimônias que simboliza esse o shonas não se desassocia com a filosofia Ubuntu, na qual o casamento deve ser consensual e funda-se no amor e na compaixão, porque ele não envolve apenas a mediação da vontade das duas partes, nem apenas leis jurídicas, mas deve igualmente estar de acordo

com valores étnicos, éticos, antropológicos, assim como valores sociais das partes envolvidas e da família dos mesmos.

Esses valores terão como seu objetivo é manter a estrutura da família, para além do amor das duas partes. Todas as práticas culturais que mostramos no texto era para chegarmos a esse fundamento.

REFERÊNCIAS

- EDUARDO, M. **Algumas notas de tradução das línguas maternas**. Cooperação Alemã. Chimoio-Gtz: Manica, 1999.
- FERNANDO, C. T.. **Ética e filosofia do direito: uma literatura sobre a Filosofia Prática de Kant**. 1. ed. Porto Alegre: FI, 2018.
- FERNANDO, C. T.. A possibilidade de uma abordagem filosófica sobre a escritura - O signo, em Derrida e Ubuntu. In: Ricardo Tim de Souza; Marco Antonio de Abreu Scapini (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017. (Org.). **Derrida e o pensamento contemporâneo** - estudos interdisciplinares. 1ed. Porto alegre: FI, 2017, v. 1, p. 53-68.
- FERNANDO, Domingos. **Organização social na sociedade tradicional**. Brochura 2. Autoridade Tradicional em Moçambique. Moçambique: MAE, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio** versão 5.0. 3. ed. Brasil: Editora Positivo, 2004.

FIRMINO, Gregório. Língua e Educação em Moçambique. In: STROUD, Christopher; HONWANA, Alcinda Manuel. **Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique**. Maputo: Promédia. 2002.

TUZINE, António. (Org.). **Uso de línguas africanas no ensino: Problemas e Perspectivas**. Cadernos de Pesquisa. n. 26. Maputo: INDE, 1998.

NOTAS

ⁱ Atualmente é Doutorando em História na Escola de Humanidade da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Brasil. Bolsista do CNPq. Desenvolve suas pesquisas na área de concentração: Sociedade, Política e Relações internacionais. É Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2018). Possui graduação, Bacharel/licenciatura em Ensino Filosofia pela Universidade Pedagógica de Moçambique (2013). Obteve várias formações em matéria de pedagogia de alternância levado ao cabo pela DSOP e ESSOR, para as Escolas Profissionais Familiares Rurais em Moçambique (2014). Foi docente das disciplinas de Teoria de Justiça social e História de Moçambique na Universidade Lúrio-Moçambique (2018-2019). Foi docente-formador na Escola Profissional Familiar Rural de Meuria, (Nacala-á-Velha) entre 2013 a 2015. Teve uma formação, para exercer as funções de formador de ativistas de pró-Ambiente levado a cabo pelo MICOA em Moçambique. Entre 2009-2010 foi jornalista (colaborador) da R.M. desporto, no emissor provincial da Zambézia.

ⁱⁱ Instituto de Investigação Sociocultural. Delegação Provincial de Manica.

ⁱⁱⁱ Atualmente a província de Manica possui 12 distritos, nomeadamente: Bárue, Chimoio, Gondola, Guro, Macate, Machaze, Macossa, Manica, Mossurize, Sussundenga, Tambara e Vanduzi. Manyika, também escrito Manica, também chamado Wanyika, um dos grupos de povos de língua Shona que habitam o extremo leste do Zimbábue e áreas adjacentes do interior de Moçambique, ao sul do rio Púnguè.

^{iv} Antigamente quando se casavam pessoas do mesmo totem na tribo tewe e manyika, o homem era obrigado a fazer uma cerimônia como forma de cortar a familiaridade, usando assim um boi ou cabrito branco. O boi ou cabrito

branco que simbolizava a paz entre os espíritos dos ancestrais.

^v A Província de Manica fica situada ao longo da fronteira com a República do Zimbabwe ao oeste; estende-se do rio Zambeze em limite com a Província de Tete ao norte até ao rio Save e faz limites com as Províncias de Gaza e Inhambane ao sul e limite com a Província de Sofala ao leste. Atualmente a província possui 12 distritos, nomeadamente: Bárúè, Chimoio, Gondola, Guro, Macate, Machaze, Macossa, Manica, Mossurize, Sussundenga, Tambara e Vanduzi.

^{vi} Conhecido por lobolo.

^{vii} SUANA, E. M. Introdução à Cultura Teve, 1999.

^{viii} JOPELA, 2006

^{ix} Significa leão em língua Tewe e Shona.

^x Historicamente, o Manyika reconheceu um chefe hereditário que, auxiliado pelos chefes de família, arbitrou disputas e oficiou sacrifícios aos espíritos ancestrais. Embora o Manyika anterior tenha sido dividido em muitas instituições de pequeno porte, os povos falantes de Manyika compunham os dois reinos de Mutasa e Makoni, que existiram no início do século XVII.

^{xi} EDUARDO, 1999.

^{xii} FERREIRA, 2004

^{xiii} FERNANDO, 1996

^{xiv} FERNANDO 1996

^{xv} FERNANDO, 2017, p.56

^{xvi} FERNANDO, 2018, p.171

^{xvii} Realmente, a princípio, não está previsto, visto que essa é uma herança costumeira, mas esse espaço está reservado apenas para a parte do marido. Eles podem renunciar dizendo que estamos vazios, vazio é a palavra usada para escusar-se de levar a esposa do irmão ou parente falecido.

^{xviii} Os shonas acreditam que caso essa irmã perca o casamento e porventura perca a vida, o seu espírito irá vingar-se contra os vivos envolvidos na recusa.

^{xix} kupfimbira, consiste na apresentação e manifestação do interesse por parte do pretendente à família da rapariga

^{xx} matsvakiraino, é referente à entrega do musana wamai (coluna vertebral da mãe), o dinheiro de agradecimento à mãe da rapariga pelo parto e nascimento da rapariga; do musana wababa (coluna vertebral do pai) valor estipulado pelo pai por ter gerado a filha; bem como a realização do ritual mubvunzira, que é a evocação dos espíritos pelo pai para comunicar a entrada de um genro na família

^{xxi} kutora murora, consiste na entrega da rapariga ao noivo e condução para o seu novo lar/casa/família.

^{xxii} chuma, consiste na entrega do valor do Roorá, e faz-se após o nascimento dos filhos do casal, servindo este valor

para legitimar a pertença dos filhos à família paterna. Esta última cerimónia é feita na casa do genro, terminando deste modo a dívida em relação ao Roorá.

^{xxiii} FERNANDO, 2018, p.173

^{xxiv} RAMOSE, Mogobe B. A filosofia do ubuntu e ubuntu como uma filosofia. Harare: Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos. Mond Books, 1999.

^{xxv} RAMOSE, Mogobe B. A filosofia do ubuntu e ubuntu como uma filosofia. Harare: Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos. Mond Books, 1999.

Recebido em: 02/06/2020.

Aprovado em: 29/06/2020.

Publicado em: 31/07/2020.